

O PERFIL DO PROFESSOR QUE ESTIMULA A AUTONOMIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Aurenildes Brasil*
Prof.Dr.Luiz Siveres**

RESUMO

No contexto educacional a autonomia é considerada como uma maneira de se posicionar e se constituir, pessoal e profissionalmente, na relação com os outros. Essa ideia é complementada por Contreras (2002), ao explicar que numa perspectiva autonômica o profissional encontra-se continuamente em busca de aprendizagem e da reconstrução de seus saberes. A partir disso, entende-se que problematizar a função do professor é determinante para compreender o processo de efetivação da autonomia no processo pedagógico, principalmente para entender como se pode estabelecer a relação de aprendizagem nesta perspectiva. Para tanto, acredita-se que a tentativa de caracterização do perfil desse profissional e do significado de sua atuação é fundamental para vislumbrar a formação de cidadãos críticos, reconstrutores de seus conhecimentos e transformadores da realidade através de suas relações. Neste estudo, de caráter qualitativo e exploratório, objetivou-se investigar as características pedagógicas que propiciam a construção do processo de autonomia na relação entre professor e estudante, num curso de graduação em Educação Física - licenciatura.

Palavras-chave: Autonomia. Perfil profissional. Relação professor e estudante.

*Mestra em Educação pela Universidade Católica de Brasília - UCB

*Prof. Dr. no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília - UCB

INTRODUÇÃO

Arelação da autonomia entre professor e estudante, num processo de aprendizagem, pode ser compreendida por diversas abordagens, mas neste trabalho a proposta de Contrerasserá assumida. Para esse autor, a autonomia é “[...] uma busca e um aprendizado contínuos, uma abertura à compreensão e à reconstrução contínua da própria identidade profissional, ou de sua maneira de realizá-la em cada caso”.(2002, p. 199).Além dessa proposta, vincula-se com a maneira pela qual se interpreta a relação social e os propósitos voltados para ela, e o que se pretende no campo educacional. Para se aspirar a uma relação de autonomia, é preciso que a educação tenha um caráter não impositivo e que a autonomia profissional seja vista como deliberação reflexiva e como construção permanente.

Em relevância à natureza ética e política da educação, o professor deve comunicar suas concepções e sonhos aos estudantes e respeitá-los diante de outras escolhas. Tendo em vista um processo de autonomia na relação entre professor e estudante, a defesa criteriosa e séria do professor por uma preferência ou posição, não anula, pelo contrário, estimula e respeita a manifestação de um posicionamento diferenciado, como a melhor forma de educar. Portanto, para Freire (1997), cabe ao professor desvelar o conhecimento e elucidar as diferentes formas de se posicionar em relação a ele. Entendendo-se, conforme D’Antola (1989), a função do professor como mediadora entre o mundo e o estudante, num contexto educativo e social, enquanto um profissional comprometido e responsável por pessoas que irão interagir mediante sua práxis, ou seja, pela sua influência de concepção de mundo e sua atuação pedagógica.

Reconhece-se, assim, a necessidade de refletir sobre a concepção de educação e de autonomia para situar as características do processo pedagógico, por acreditar, assim como Freire, que “[...] entre nós, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude”.(1992, p. 101). Com a intenção de permear o processo pedagógico pelo diálogo entre professores e estudantes, o qual os situa em uma relação democrática, sem os igualar, percebendo-se que ambos devem manter suas identidades e desenvolverem-se juntos ao defendê-las. Assim, cada um se assume de acordo com suas próprias convicções.

A partir desse viés de discussão mais geral no campo educacional, problematiza-se o processo pedagógico do curso de Educação Física, focando a relação entre professor e estudante, historicamente marcada por características autoritárias, disciplinadoras e de submissão. Apesar do início de uma reconhecida evolução pedagógica nesse curso, na década de 1980 até hoje, essa área ainda sofre a influência dessas tendências e mobiliza-se em busca da construção de sua autonomia nesse contexto.

Com base nessa proposta está se apresentando um estudo de caráter qualitativo e exploratório, por meio do qual se objetivou investigar as características pedagógicas que propiciam a construção do processo de autonomia na relação entre professor e estudante, nos cursos de graduação em Educação Física - licenciatura.Buscou-se, de maneira específica, identificar o perfil do professor que estimula o desenvolvimento da autonomia na relação com o estudante com o propósito de desencadear um processo significativo de aprendizagem.

No caminho percorrido para a coleta de informações, utilizou-se da entrevista semi-estruturada, aplicada a vinte e quatro participantes, dentre estes oito professores e dezesseis estudantes de um curso de graduação em Educação Física – licenciatura, de uma Universidade em Brasília.

AUTONOMIA E APRENDIZAGEM

Discutir a função do professor é determinante para compreender a adequada efetivação da autonomia no processo pedagógico, principalmente na relação de aprendizagem. A tentativa de caracterização do perfil desse profissional e do significado de sua atuação numa perspectiva autônoma é condição *sinequa non* para vislumbrar a formação de cidadãos críticos e, sobretudo, reconstrutores de saberes e transformadores da realidade através de suas relações.

Diante da visão de professor como profissional reflexivo é possível conceber autonomia como um exercício, como maneira de atuar na prática, na qual as decisões resultam da complexidade, ambiguidade e conflituosidade das situações. Nesse caso, as decisões autônomas devem ser compreendidas como uma tarefa crítica de deliberação que envolve diferentes concepções de mundo, com a ciência da complexidade e conflito de interesses e valores nelas inseridos. Segundo Contreras “a autonomia não é uma definição das características dos indivíduos, mas a maneira com que estes se constituem pela forma de se relacionarem”. (2002, p. 197). Portanto, mais do que um atributo da pessoa, a autonomia só se desenvolve na medida em que se participa de um procedimento relacional.

Dessa forma se norteiam as discussões a partir de papéis e condutas de professores que convergem substancialmente com a ótica de autonomia no processo pedagógico. Para tanto, Contreras (2002), considera que é característica do intelectual crítico, empenhar-se para descobrir o oculto, para esclarecer a origem histórica e social do que naturalmente se apresenta. A partir disso, ele intenta captar e mostrar os processos, através dos quais amarra-se a prática de ensino em objetivos, relações e ações enquanto valor educativo. Freire (1996) coloca em perspectiva, que a práxis docente, do professor democrático, deve ser permeada por ações que estimulem e reforcem a criticidade, a curiosidade e a insubmissão do estudante. O autor diz, que como educador em sala de aula, deve-se estar aberto às inquietações, aos questionamentos, às curiosidades e às inibições dos estudantes. Ou seja, deve-se estar presente como um ser que critica e indaga, e que não se acomoda perante sua tarefa de ensinar.

A capacidade de abertura do professor no processo pedagógico infere ao mesmo um perfil estimulador do desenvolvimento autônomo dos estudantes. Este profissional provavelmente se comporta de maneira indagadora, não se submete aos padrões de convicções rígidos, é permissivo aos limites do estudante como ser humano e cumpre sua tarefa de não se acomodar. Ele funciona como o testemunho de um cidadão que por ser inquieto, descobre o oculto e se empenha para descortiná-lo no exercício educativo.

Como contribuição para essa reflexão, Libâneo propõe que o professor persista “[...] no empenho de auxiliar os alunos a buscarem uma perspectiva crítica dos conteúdos, a se habituarem a aprender as realidades enfocadas nos conteúdos escolares de forma crítico-reflexiva” (2010, p. 37) e indica que o professor crie formas e condições de auxiliar os estudantes a se posicionarem ante a realidade para refletir e atuar sobre ela.

Nessa proposição o professor adquire um caráter criativo para propiciar, com os estudantes, um entendimento da busca crítica da construção do conhecimento e assim decidir sobre suas concepções e inserir-se ativamente no seu contexto social, modificando-o. Para Gadotti (1975), o perfil do professor como transmissor de conhecimento, seria apenas o mínimo de uma escala de comunicação, necessitando de um estímulo à produção de conhecimentos e um envolvimento num projeto de cidadania, fortalecendo, assim, um processo autônomo de educação.

Além disso, Freire (2005) alerta que comunicar sobre a visão de mundo própria ou impô-la às pessoas, não é o papel do professor, mas sim dialogar com elas a respeito da sua e da delas. Deve-se assumir e expressar o próprio posicionamento de visão de mundo, que reflete quem é esse indivíduo e como ele interage na realidade que o cerca. Emerge daí o perfil dialógico desse profissional, que comunica a respeito de suas convicções de forma não impositiva. Por isso, para Wembeck (1992), não se deve instrumentalizar os estudantes para interesses do professor e nem mesmo direcionar os pensamentos, pois educar não é domesticar, mas criar um processo de autonomia. Estas considerações sinalizam para um professor que sabe dialogar e fomentar no estudante o desejo de se assumir perante o mundo, construindo a autonomia necessária para participar ativamente da aprendizagem.

Portanto, ao professor interessa mais que o desempenho da função técnica, a função política de ensinar. Sua tarefa é de acordo com Gadotti “Motivar para a participação, é criar canais de participação e de comunicação; de organizar, de mobilizar para a participação”. (1975, p. 148). Oriundo dessa postura evidencia-se o caráter motivador do professor voltado para estimular a participação do estudante, sua manifestação ativa, política e transformadora do processo de ensino e aprendizagem. Este professor cria meios de convocação do estudante à participação.

Além das caracterizações já comentadas, Demo (2009) cita que renovar, reconstruir e refazer a profissão convertem-se em saberes prioritários para ser profissional na atualidade, sendo fundamental ser capaz de reconstruir o conhecimento com autoria própria. Ou seja, o professor necessita saber elaborar com autonomia, o que significa formular proposta própria. Caracterizando, conforme lembra este mesmo autor, como tarefa crucial estabelecer a noção de burlar a ideia de indivíduo apto a construir e percorrer sua própria trajetória à medida que consegue levantar projeto próprio, individual e coletivo, indicando ser capaz de cidadania ativa, de saber pensar; e afastar-se do instrucionismo, demonstrando capacidade de reconstrução de conhecimento de dentro para fora.

A discussão apresentada enfoca principalmente o caráter renovador e reconstrutor do professor, reforçada por Moraes (2008), que sinaliza que saber renovar-se, sempre que necessário, auto-organizar-se, pessoal e profissionalmente, são características de um bom professor. Para que isto ocorra é necessário que este profissional constantemente exercite a autorreflexão e se autoquestione numa perspectiva de reconstrução pessoal e profissional, aspectos que configuram uma postura de autonomia.

Para o professor chegar ao exercício de uma aprendizagem autêntica, aquela baseada num esforço reconstrutivo, no qual o professor reedita sua própria história, Demo (1999 *apud* MORAES, 2008) afirma que é importante refazer o conhecimento com qualidade formal e política, para a promoção de sua emancipação e consequente autonomia pessoal e profissional. Enfatiza-se aqui o perfil renovador do professor como via de conquista de autonomia pedagógica, que se reflete na capacidade de reeducar-se

diariamente, através do exercício de se repensar como critério máximo de qualidade profissional e de atualizar-se constantemente.

O professor, segundo Demo (2009), é quem cuida da aprendizagem dos estudantes, considerando o termo cuidar com o significado de dedicação envolvente e contagiante, de comprometimento ético e técnico, de dar suporte ao estudante com sensibilidade e renovação, inserindo-se o caminho de construção da autonomia. Este autor refere-se a cuidar sem abafar, sem tutelar, mas para libertar, posicionando o professor como pesquisador, como profissional que reconstrói o conhecimento pautado em princípios científicos e, sobretudo, educativos. O perfil de pesquisador promove a capacitação do professor para renovar-se e aprender continuamente. Em busca de adquirir, prioritariamente, o suporte educativo que o torna apto a cuidar da aprendizagem renovadora dos estudantes, pois para fomentar a autonomia no estudante, o professor precisa ser capaz de construir a autonomia em si mesmo, e esta se constrói por meio da construção e sistematização dos conhecimentos.

O caráter mediador do professor encontra suporte nas contribuições de Libâneo (2010), ao estabelecer que o professor é mediador da relação dinâmica do estudante com os conteúdos, sem deixar de considerar os conhecimentos, potencial cognitivo, interesses, experiências e significados que os estudantes trazem, auxiliando-os no questionamento destes. Essa mediação não só propicia um meio fértil para a elaboração do conhecimento significativo, como predispõe professores e estudantes abertos para o diálogo. Pode-se inferir, também, que neste contexto educativo tem-se a necessidade de, conforme Moraes (2008), ter um professor que tenha atitude interdisciplinar e/ou transdisciplinar em seus pensamentos e práticas, que seja observador dos momentos adequados de bifurcação e mudança, que seja competente na utilização das tecnologias digitais, e que dessa forma possa ensinar, aprender a compartilhar com os estudantes os novos saberes e fazeres de modo mais competente, atualizado, criativo e crítico.

Necessário se faz, aliado a uma postura mediadora, que os professores, neste mundo moderno, se interessem pelos estudantes, com apreço por um ser humano imperfeito, que possui muitos sentimentos e potencialidades. Para isto, Rogers (1977) indica o exercício da compreensão empática, na qual o professor tem a habilidade de perceber a maneira como o estudante vê o processo de aprendizagem, além de um posicionamento indagador e crítico. São relevantes neste sentido as colocações de Moraes (2008), sobre a importância do professor como um sujeito mais atento aos processos auto-organizadores dos estudantes, que percebam suas angústias e possam convertê-las em subsídios para as atividades de ensino e aprendizagem. Compreende-se que estes autores referem-se à necessidade de um perfil mais atencioso do professor em direção às imperfeições dos estudantes como seres humanos e seus modos singulares de interagir no processo de aprendizagem.

Estas indicações são complementares e sinalizadoras da postura de predisposição para a habilidade de escutar, que de acordo com Freire (1996), vai muito além da capacidade auditiva do professor, pois escutar refere-se aqui, à abertura ao que o outro tem a dizer, aos seus gestos e às suas diferenças. Portanto, quando se escuta bem, melhor se está preparado para se situar no ponto de vista das ideias, de forma discordante ou não. O que reporta a Gadotti (1975), quando relata que a atitude do professor é criadora a partir do momento em que provoca uma reconfiguração e reorientação do estudante, não se apoderando deste, mas dando-lhe a palavra. Pressupõe-se que o professor atencioso sabe

escutar e faz dessa habilidade um meio efetivo de estimular o estudante a problematizar sua realidade e a afirmar na relação com os outros, sua forma própria de aprender.

Portanto, torna-se substancial a necessidade sinalizada por Moraes (2008), de professores que promovam a organização de ambientes agradáveis de aprendizagem, que propiciem acolhimento aos estudantes, nutrindo-os intelectual e emocionalmente. Pois, Freire (1996) relata que o respeito à autonomia do ser do educando é um saber imprescindível à prática educativa, por tratar-se do respeito à dignidade de cada pessoa como um imperativo ético.

O perfil do professor que fomenta a autonomia dos estudantes no processo pedagógico requer de forma geral, além de um profissional crítico-reflexivo e reconstrutor de conhecimento, uma pessoa sensível e zelosa às mais diversas concepções de mundo que se apresentam no processo educativo, com respeito a cada uma delas, independente de suas próprias convicções. Por isso, é imprescindível, segundo Freire (1995), a coerência entre o discurso e a prática, para um professor num contexto autônomo. A este professor cabe encurtar a distância entre estes dois, pois falar ou escrever a respeito de relações democráticas e criadoras entre professores e estudantes é uma coisa, e ter uma conduta repressora com os estudantes diante de um questionamento incômodo, é outra. O caráter coerente do professor assegura que este tem conhecimento real de sua práxis como cidadão, com compromisso político-social próprio no seu contexto profissional.

DESCRIÇÃO DOS DADOS

O estudo de caráter qualitativo e exploratório foi feito por meio de entrevista semiestruturada. A maioria dos professores entrevistados encontra-se numa faixa etária entre quarenta e um e sessenta anos, sendo que apenas um participante possui mais de sessenta anos e outro menos de quarenta anos; quatro destes têm mais de quinze anos de atuação no ensino superior, dois possuem de 10 a 15 anos e dois menos de 10 anos. Quanto ao gênero, cinco são do sexo masculino e três do sexo feminino e em relação à formação acadêmica máxima, cinco possuem mestrado na área de Educação Física, dois possuem doutorado, e um possui especialização. É relevante assinalar que os cursos de aperfeiçoamento da maioria dos professores estão no campo da educação e da pedagogia, associados à Educação Física. Os estudantes participantes desse estudo estão em sua grande maioria numa faixa etária entre 18 a 30 anos, sendo seis do sexo feminino e dez do sexo masculino, matriculados no 2º, 3º, 5º ou 6º semestre, nos turnos matutino ou noturno.

Como forma de garantir a confidencialidade dos entrevistados e sistematizar a referência de suas falas, nomeou-se os professores com a letra (P), acompanhada de um número de 1 a 8 e os estudantes com a letra (E), seguida de um número de 1 a 16.

As considerações mais importantes dos professores sinalizam para um perfil, prioritariamente, de proximidade do professor em relação ao estudante, além de, necessariamente, uma característica de abertura e gostar do que faz. Além disso, o perfil do professor que estimula a autonomia é aquele que não deixa nenhum estudante de fora, que traz todos para se sentirem parte; que “tem esse perfil da troca, do *feeling* em relação ao aluno, pra trazer o aluno próximo de si e não ser ele o detentor do conhecimento, o foco único, mas um propagador e um agregador” (P4); aquele professor que traz o estudante para próximo de si e discute junto com ele; e aquele professor que faz o estudante se sentir seguro e seguro na relação, que constrói não só uma mensagem do conteúdo, mas que prima pela relação afetiva.

O perfil do professor que estimula a autonomia, também é relacionado com a abertura às novas concepções, quebra de rigidez e de paradigmas, para dividir conhecimentos com seus pares e com os estudantes. Considera-se tentativa de rompimento de estereótipos do professor, para, a partir disso, aceitar que o outro expresse seu pensamento. É sugerido como perfil “um professor que está sempre buscando mesmo, acompanhando coisas novas, que tem vontade dele também crescer, de andar juntos” (P7).

Propõe-se que o perfil do professor é de uma pessoa aberta a dialogar, a ouvir e a receber críticas.

Tem que ser um cara com uma mentalidade bem aberta. Ele tem que saber ouvir, ouvir muito e talvez até falar menos que ouvir. Isso é uma coisa difícil, não é fácil você fazer isso. Porque na verdade a gente é até “treinado” quando a gente vai começar lá como professor, a gente é treinado a falar, falar e falar. Eu tenho um conteúdo a ser dado e se eu não der todo aquele conteúdo, fica bastante complicado a gente parar e ouvir o aluno. Porque se você não ouvir o aluno, às vezes, você está jogando todo aquele conteúdo e nem é aquilo que ele está querendo. Você também tem que ouvir muito o aluno pra saber qual a necessidade dele. Segundo, estar aberto a críticas, porque quando você quer

que o aluno participe efetivamente, uma hora ele vai chegar pra você e vai te criticar, aí se você falar espera aí, você pode falar o que você quiser, mas criticar não. Aí, que raio de autonomia? O aluno não pode ter a opinião dele sobre você? Você pode até não concordar com a opinião dele, então conversa, sempre discuta e cresça, porque é assim que a gente cresce. Então, é você ouvir, você estar aberto a críticas, a você dialogar constantemente (P2).

O perfil deve ser o de um profissional que gosta do que faz. Essa é uma construção interior do indivíduo que tem prazer no trabalho que executa. A perspectiva de trabalhar com o que gosta, ajuda a traçar o perfil de um professor que tem o prazer de conviver com o estudante e de construir, junto com este, um processo de aprendizagem autônomo.

Tem uma passagem do Paulo Freire que diz: todos os pais querem grandes mestres para seus filhos, mas quando seus filhos dizem que são professores eles ficam tristes pela profissão que seus filhos escolheram. Então, na hora que você fala estou me formando em Educação Física é isso que eu gosto de fazer. Se é isso que você gosta de fazer, você será autônomo. Porque, parte do prazer de estar ali, de conviver com o aluno. Salário é importante, faz parte. Amor não paga cartão de crédito, salário paga. Mas, na hora que você vai juntando tudo isso aí, isso te ajuda a construir o processo. Eles pagam pra eu fazer o que eu gosto (P3).

Na visão dos estudantes o perfil do professor que estimula a autonomia é, necessariamente, de um indivíduo amigo, aberto, inovador e renovador do conhecimento, flexível e próximo dos estudantes.

Essa perspectiva retratada pelos estudantes, de uma maneira geral, considera que o professor tem que ser amigo, ser aberto ao diálogo, se tornar igual e expor, a todos, os conhecimentos que detém; um professor que sabe se relacionar com o estudante e busca o conhecimento e sua renovação é um indivíduo dinâmico, animado, aberto, que auxilia o estudante quando questionado e busca de forma mútua; deve ser comunicativo e “tem que dar importância à opinião do aluno, tem que inovar nos métodos, de modo a não tornar o conteúdo maçante e despertar no aluno a vontade de aprender mais” (E3); além disso, precisa ser “carismático, que está sempre à frente de seu tempo, interagindo com os alunos, não é duro em seu modo de se expressar, é flexível e está aberto para o novo” (E5); e é aconselhável que seja “flexível, pois, a rigidez não permite que a autonomia aconteça, deve ser flexível sem ser permissivo demais e não ser rígido, a ponto de não se adequar a fatos que aconteçam” (E11).

O perfil do professor que promove autonomia na relação com o estudante, “em primeiro lugar, é o que estimula livre acesso, ele tem que ser uma pessoa aberta; apesar das características individuais, de personalidade de cada professor, no momento da escolha, em ser um professor, ele já precisa dar ao aluno a liberdade de ter acesso a ele” (E2). Assim, a abertura e a proximidade são características interdependentes, que contribuem para a estruturação do perfil desse professor.

A proximidade é uma característica marcante no relato dos estudantes. Para eles o perfil do professor é “uma pessoa que está muito próxima do aluno, sem se preocupar com hierarquia, com o fato

de ser o “doutor”, assumindo o “eu sei mais do que você” (E4). Relatam como perfil o professor que dá liberdade para o estudante expressar o que pensa. Reconhecem que quem faz o perfil do professor é o estudante, porém, quanto mais o professor for acessível, mais ele estimula a proximidade do estudante.

São similares as percepções de professores e estudantes quanto ao perfil do professor que tem habilidade em aproximar-se dos estudantes e de agregá-los ao grupo, assim como a característica de abertura voltada principalmente para facilitar o diálogo. Professores e estudantes acreditam que o professor quando está mais próximo dos estudantes, não se preocupa em sobrepor-se a estes e demonstrar que tem mais conhecimentos. Interessa mais disseminar o sentido de pertença ao grupo e focalizar no ensino, menos a figura do professor e mais o que ambos possam construir juntos.

A ideia de abertura considera a quebra de rigidez e a predisposição para absorver novos conceitos, caracterizando o professor como uma pessoa flexível para ser questionada e conhecer o novo.

ANÁLISE DOS DADOS

A partir da descrição dos dados é possível entender que o perfil do professor, num contexto de autonomia, pode ser compreendido, segundo Contreras (2002), pelo significado da autonomia que se configura no modo como as pessoas se constituem através da forma de desenvolverem suas relações, e não pela determinação das características das pessoas. Portanto, é essa maneira de se relacionar que propicia a autonomia e configura o perfil do professor.

O perfil do professor promotor da proximidade leva o estudante a se sentir fazendo parte de um grupo maior e a se sentir mais próximo do professor, que não é o único detentor do conhecimento, nem o foco central do processo de ensino e aprendizagem. O professor que estimula a autonomia promove a aproximação do estudante, para juntos dialogarem em prol da construção de um conteúdo e de uma relação de afeto. Para tanto, Freire (2005) relata que não cabe ao professor a função de impor suas ideias aos estudantes, mas que o seu papel consiste em comunicar a respeito de sua concepção própria de mundo, estabelecendo uma situação de diálogo com eles. Suscita-se daí, o perfil dialógico desse profissional, que comunica a respeito de suas convicções de forma não impositiva, mas formativa.

O professor posicionado como um indivíduo mais próximo na relação com o estudante também reflete um estudioso que detém o saber e não se preocupa em colocar-se acima de ninguém. A hierarquia na relação não o incomoda ou o torna superior e distante dos estudantes, pelo contrário, ele reconhece o conhecimento que tem e torna-se mais acessível, para promover a proximidade e facilitar a aprendizagem.

Além da necessidade de um professor mais próximo, se requer aquele com um perfil de amigo, aberto a dialogar e a ouvir. Sinalizando, conforme Moraes (2008), a importância do posicionamento do professor de uma forma mais atenciosa diante das dinâmicas dos processos auto-organizadores dos estudantes, levando em consideração suas angústias e possibilitando a conversão destas em subsídios para incrementar as atividades de ensino e aprendizagem. Essa autora sugere a necessidade dos professores de promoverem a organização de ambientes agradáveis de aprendizagem, que promovam acolhimento aos estudantes, nutrindo-os não só intelectualmente, mas também emocionalmente.

De maneira mais abrangente é sugerido um perfil de professor mediador que segundo Libâneo (2010), exerce a ação de mediar a relação dinâmica entre o estudante e os conteúdos, preocupando-se em considerar a capacidade cognitiva, os conhecimentos, os interesses, as vivências e o arcabouço de

significados trazidos pelos estudantes, orientando-os numa reflexão crítica sobre estes. Essa mediação predispõe professores e estudantes abertos para o diálogo e reforça mais o caráter do professor como flexível e renovador do conhecimento.

Aquele que ao relacionar-se de maneira flexível, abre-se para o novo e quebra a rigidez que obstaculiza a construção do processo autônomo com o estudante. Necessariamente o perfil do professor que estimula a autonomia revela-se questionador e curioso, explorador do conhecimento e do novo, disposto a quebrar paradigmas e a dar valor à opinião dos estudantes. O que está relacionado às descrições de Contreras (2002), que considera que é característica do estudioso crítico empenhar-se para descobrir o oculto, para elucidar a origem histórica e social do que naturalmente se apresenta. Assim como, para Freire (1996), a práxis docente do professor democrático, deve ser permeada por ações que estimulem e reforcem a reflexão crítica e a curiosidade do estudante, esse autor diz que como educador em sala de aula, deve-se estar aberto às inquietações e aos questionamentos dos estudantes. Portanto, deve-se ter um perfil de um ser que critica e indaga, e que não se acomoda perante sua tarefa de ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil relacionado com o professor que estimula a autonomia é essencialmente aquele que estabelece uma relação de proximidade, de abertura, de flexibilidade e está em constante processo de busca de novos conhecimentos, seja para o aperfeiçoamento pessoal, seja para o enriquecimento do processo de aprendizagem do estudante. Essas características estão interligadas e uma fomenta a outra. Considera-se, de acordo com esse enfoque, o profissional questionador das ideias convertidas em verdades absolutas edisposto a conhecer novas concepções; aberto para o contato e para o diálogo com os estudantes, para os contrapontos oriundos da liberdade de pensamento destes; flexível para respeitar as individualidades e as diferenças que se apresentam no convívio educativo, para se reconhecer inacabado e em constante processo de transformação; curioso, portanto, explorador e questionador, do que está oculto e do que é imposto; e por isso, próximo para permitir as trocas, inquietar os estudantes, dialogar autenticamente, despertá-los para criar e participar, e para, principalmente, conhecê-los como seres humanos que são.

Algumas ideias são essenciais na abordagem deste estudo. Dentre elas, destacam-se o papel do professor, como sujeito autônomo que continuamente renova seus conhecimentos, de motivador da saída do estudante de sua zona de conforto

Entende-se que é importante considerar as relações como foco central do processo pedagógico, pois as falas que emergiram suscitam a importância da qualidade do encontro entre professor e estudante e da influência que esta proporciona na aprendizagem. As características das relações educativas são determinantes do tipo de ser humano e profissional que se deseja formar, imprimindo ao estudante a valorização de seguir as ideias alheias sem questioná-las, adaptando-se ao que já existe, ou seguir seus próprios pensamentos, de maneira crítica e reflexiva para mobilizar as mudanças necessárias em sua realidade. Esse tipo de relação é que promove a construção da autonomia no processo pedagógico, favorecendo que professores e estudantes tenham consciência de sua participação ativa no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CONTRERAS, José. *A Autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- DEMO, Pedro. *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *A Educação na cidade*. São Paulo: Editora Cortez, 1995.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GADOTTI, Moacir. *Comunicação docente: ensaio de caracterização da relação educadora*. São Paulo: Edições Loyola, 1975.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção questões da nossa época; v.2).
- MORAES, Maria Cândida. *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais*. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis HarmanHouse, 2008.
- ROGERS, Carl. *Liberdade para aprender*. 4. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
- WERNECK, Hamilton. *Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.